

A FORÇA

DAS PEQUENAS COISAS

CRÔNICAS E MINICONTOS



CLUBE DE LEITURA DA CASA
AMARELA

APRESENTAÇÃO

O Clube de Leitura da Casa Amarela não só lê, mas também escreve.

Neste terceiro E book, "A Força das Pequenas Coisas", contos e crônicas dizem o que para cada um, no decorrer da vida, virou memória inesquecível. Mesmo que seja apenas ficção ou fantasia.

Jiddu, nosso leitor, escritor, poeta, mímico, ator e fazedor de E books, anda cada vez mais brilhante em suas soluções gráficas.

A capa tem um grande significado para mim: é um desenho de Maria Amália Kligerman, co-autora do E book Flores de Desejos, que partiu.

Que cada leitor receba esta nossa coletânea com amor.

Imagino cada um escrevendo, debruçado em seu silêncio. E sinto um orgulho imenso.

Roseana Murray

Saquarema

Dezembro de 2022

A FORÇA

DAS PEQUENAS COISAS ANTOLOGIA DE CRÔNICAS E MINICONTOS

CLUBE DE LEITURA DA CASA AMARELA

ÍNDICE

ANABELLE LOIVOS CONSIDERA	CRÔNICAS E MICROCONTO DE NATAL - 3
ANA PAULA MACIEL VILELA	AMANHECER - 6
ANDRESSA BARROSO	A VIDA É FEITA DE PEQUENAS MEMÓRIAS - 8
ANGELA QUINTIERI	CREDO! "QUEM É VOCÊ CRIATURA"? - 10
CLARAEMES	DESPUÉS. DEPOIS - 14
CELINA ROZENBLUM LEFELMAN	CHUVA - 17
DELMA MARCELO	PEQUENOS MILAGRES DO DIA A DIA - 18
ELIANA MIRANZI	EU, MULHER - 20
ELISA PEREIRA	TEMPEROS DE UMA VIDA - 22
EVELYN KLIGERMAN	SEMENTES - 24
FERNANDO QUEIROZ	O SORRISO DO MENINO DA MURETA - 25
FLORA TROPER	UM DIA - 27
JANIR LAGE DA SILVA	NOVENTA MINUTOS - 28
JIDDUKS	O TEMPO TÃO LONGE - 30
MÁRCIA TORRES	SOBRE BOTAS PRATAS E PANTUFAS - 32
MARIANÍ GUIMARÃES	DONA LAURA - 34
MARÍLIA AMARAL	DESEFRUTES - 36
MARISTELA FONTES FIGUEIREDO	GALINHA VELHA - 38
ROSEANA MURRAY	O SAMOVAR - 39

CRÔNICAS DE NATAL

Anabelle Loivos Considera

1.



Imagem: Divulgação

Eu tinha 5, 6 anos, não mais. Fui estudar na cidade vizinha, onde minha mãe trabalhava. A nova amiguinha da escola morava perto do colégio, numa casa que ficava na parte alta do terreno, com um jardim enorme na frente, em que crescera um pinheiro enorme, bem no centro. No Natal, os pais dela enfeitavam de luzes e bolas o pinheiro, que virava atração turística, logo na entrada da pequena cidade. Com os anos, às luzes e bolas se somaram um presépio em tamanho real e uma caixa de som, posta na janela da sala e virada pra rua, que tocava os hinos natalinos com harpa. No último ano em que estudei naquela escola, já mais crescida e desconfiada de que Papai Noel é presente que não tem, a colega teve a ideia de juntar a turma para uma cantata de Natal, no jardim de sua casa, sob o pinheiro iluminado. Ensaíamos todo o mês para o grande evento, na véspera de Natal. Mas os dezos chubosos nos roubaram os poucos minutos de fama. As folhas choravam, como nós, com dós de peito. Sem canto, voltamos para nossas casas de mal com o bom velhinho, mas com uma sacolinha carinhosamente preparada pela mãe da colega. Lá dentro, balas de coco, embrulhadas em papel crepom vermelho e aquelas indefectíveis franjas. A cor rubra do papel molhado pela chuva ficou todo o 25 de dezembro nas pontas de meus dedos. O gosto duro da bala de coco eu sinto até hoje. Esses natais de nossas infâncias que não mais.

O primeiro Natal com ele foi também sem ele, e também foi o último. Não é difícil explicar: amor acachapante, 29 anos de diferença, ele - casado. No entanto, o beijo, o poema, as mãos, tudo era cintilante e novo e seguro como as bolas vermelhas e verdes da árvore de Natal. Brilho oco. Reflexos distorcidos. Mas como fazia bem intuir que, naquele mesmo momento, num apartamento em São Conrado, duas crianças que até poderiam ser filhas de uma moça de 23 anos abriam presentes, aos pés de árvore semelhante. A firmeza dela nesse amor estava, paradoxalmente, no seu brilho oco de bola de Natal.

Não veio o telefonema à meia-noite. Não havia como despistar mulher, filhos e parentes para desejar Feliz Natal à "menina poeta". Tudo tinha sido cuidadosamente pensado pela cabeça do engenheiro: uma semana antes, ele atravessara a Baía da Guanabara em seu carro vermelho e fora a Niterói para levar pessoalmente o presente de Natal para ela: uma garrafa de espumante argentino. Ele sabia que ela não bebia, mas alegou que era para ela brindar com os parentes e se lembrar dele, de como sorvia uma flute de champagne e ia vertendo da sua boca na boca dela pequenos goles, enquanto a beijava lascivamente, na frente dos garçons do bar mais recôndito do Leme.

O espumante argentino viera embrulhado não em papel especial, não tinha caixa nem laços festivos. Estava escondido dentro do estepe do carro, no porta-malas, envolto apenas pela primeira página do jornal da véspera. Deve ter sido comprado às pressas, e escamoteado com desvelo no caminho para casa. Mas, vindo dele, era néctar dos deuses para ela. Embrulhos, pra que serviam, afinal? O gesto, a palavra, o olhar, o gosto aerado da língua dele deitando champagne na sua língua eram o sopro de vida que lhe importava. De embrulhadas ela aprenderia um pouco mais tarde, mas nem assim deixaria de pensar nele, pelos mais de vinte anos seguintes, até que se reencontrassem num congresso, fossem pra cama e ele brochasse.

A garrafa de Freixenet, desembulhada dentro do carro vermelho, parado à sombra de um jambeiro dentro do campus da universidade, reluziu, translúcida. Ele podia ver os olhos dela sorrirem, com borbulhas minúsculas da bebida refletidas neles. Foi aí que ele lhe pediu um presente de Natal. Ela ficou desconcertada, pediu desculpas, achava que iam se encontrar mais próximo aos festejos natalinos e não tinha nada a oferecer pra ele naquele dia. Ele insistiu. "Me dá o seu presente e jura que vai ser só meu." E cochichou no ouvido dela o que queria. Fechou os vidros do carro. Mãos, dentes, dedos, tudo no meio de suas pernas. E também o gargalo do espumante. "Foi carinho. Foi loucura. Foi estupro" - ela pensaria sobre aquela tarde morna em Niterói, em momentos diferentes de seu estado de apaixonamento ou desapaixonamento por ele. Nunca soube qual seria a resposta. Acaba que ficou só com a pergunta: por quê?

Dali a alguns meses, ele se retiraria em definitivo da vida da moça, caso descoberto, esposa exigindo seu sacrossanto direito de continuar sendo esposa, duas filhas menores pra criar, era necessário preparar o talão de cheques para os presentes das crianças para o próximo Natal...

Tocar a vida, afinal. Foram dias ociosos para ela. A lenda do renascimento natalino não vingara: o telefone não tocava mais, as cartas cessaram, todas as juras, todos os sonhos embrulhados com o jornal da véspera. A palo seco, engolir o choro. Alguém íntimo lhe disse, "que história bonita de amor você vai ter pra contar pros seus filhos". Ela tinha vontade de quebrar a garrafa de espumante, mas não tinha coragem. Garrafa que, aliás, ficou gelando por dois anos na última prateleira da velha geladeira da avó, até que a boa velhinha, na véspera de Natal, resolveu dá-la de presente ao lixeiro. Sem embrulho. Ainda com perlage.

Microconto de Natal

"Estamos há 2021 anos buscando refúgio para os meninos nazarenos. Quantos Herodes mais teremos que repudiar? Quantos outros natais contaremos para que a celebração seja de vida, e vida em abundância, e plena?", pensou a mulher, enquanto desmontava a árvore de Natal.

Na camisa que vestia, presente do neto, se liam as inscrições: "Peço. Não meço. Exijo". Exigir refúgio, reclamar por manjedouras: esse é o verdadeiro milagre para os tantos nazarenos, que não são santos, mas têm fome. De vida.

AMANHECER

Ana Paula



Imagem: Divulgação

O orvalho sobre a grama molha minhas botas enquanto me aproximo da casa.

Ouçõ o cantar do galo e vislumbro ao fundo o pomar com pés de jabuticabas, goiabas, cajus, mexericas, limões, mangas e abacates. O pé de maracujá azedo, apoiado na cerca, segue até perto do bambuzal com suas flores lindas que atraem abelhas e insetos.

Do lado direito, banhado pelo sol da manhã, o bananal faz vizinhança com a horta repleta de todo tipo de hortaliças e legumes, para uso próprio e para distribuir para a vizinhança, fazendo um escambo bom e diversificando a alimentação.

Margeando a entrada da casinha branca com suas janelas azuis, uma profusão de flores coloridas e, ao entrar na sala, o piso de vermelhão brilha, vejo almofadas bordadas e de crochê sobre o pequeno sofá e uma estante com os livros prediletos, uma vitrola e enfeites.

Nas laterais, dois pequenos quartos com camas de casal e, em um deles, uma de solteiro. Guarda roupas, assim como as camas, de madeira robusta, de outros tempos, com um espelho oval enfeitando a porta. Colchas coloridas, de retalhos, cobrem todas as camas e sobre a mesinha de cabeceira, um porta-retratos.

A janela grande coberta por uma fina cortina de renda mostra o riacho que passa em uma curva suave por ali e viaja adiante.

A cozinha, o maior cômodo, cheira a pão saído do forno e chá de capim santo. O fogão à lenha não deixa o fogo apagar e, crepitando de mansinho, a madeira cheirosa espalha acolhimento em todo canto. O guarda-comidas vindo também de algum tempo longínquo, abriga livros de receitas, pratos, xícaras e copos e suas prateleiras são cobertas por forros rendados que, pendurados, enfeitam e deixam mais charmosa a peça.

No centro, a mesa retangular recebe uma jarra de vidro com folhas de funcho e está posta com o café da manhã enquanto o bule vermelho descansa sobre o fogão à lenha garantindo que fique quente por toda a manhã.

A porta que leva ao quintal mostra a área da lavanderia com tanque, uma espaçosa pia e uma pequena mesa onde vários utensílios secam ao sol cobertos por uma tela fina.

Logo à frente surgem em festa galos e galinhas passeando livres pelo pomar cercado por grossa cerca de arame. O galinheiro ao fundo serve de abrigo seguro durante à noite.

A vista dá para a serra que emoldura a paisagem.

É para esse lugar onde vou todas as manhãs quando acordo.

Passeio pelo gramado atraída pelos aromas e entro pela porta da frente habitando todo o espaço. Vejo, ouço, sinto na minha pele o privilégio de estar ali, sinto o calor do sol e, devagar, muito devagar saio pelo quintal, rodeio o pomar e passo pelo pequeno pasto com algumas vacas e cavalos antes de abrir a porteira e voltar para minha cama.

Suspiro ao olhar para o quadro pintado por uma pessoa querida que retrata tudo o que me é tão caro e possibilita a minha viagem matinal e estou pronta para começar o dia valorizando o simples, a natureza com sua gama de infinitas belezas, as pequenas coisas que me fortalecem para ser quem sou, para prosseguir, para resistir e prezar a vida. Prezar o fato de estar viva e ser feliz, hoje, neste instante.

A VIDA É FEITA DE PEQUENAS MEMÓRIAS

Andressa Barroso



Fotos: Andressa Barroso

Parece que foi ontem, quando era ainda bem pequena, na casa de Dona Alzira Thereza Padilha de Almeida: minha avó materna. Uma belíssima portuguesa de pele rosada que falava com as mãos. Aprendemos com ela a olhar. Era tão cheia de alegria, talentos e histórias. Na sua casa sempre tinha pessoas falantes e comidas deliciosas. Combinação perfeita almoço de domingo numa casa com quintal grande.

Uma casa tão simples e acolhedora quando seu coração. Mulher de personalidade forte, de mão firme e de olhar terno que educou seus filhos (minha mãe e meus tios) trabalhando muito uma vida inteira. Lembro que sua casa não tinha muros, mas uma mesa era grande com cadeiras diferentes.

Memórias são como colchas de retalhos que precisamos costurar bem, tecido por tecido, história por história.

Foi ali, na casa da minha avó materna que cresci e onde aprendi desde pequena, que o diálogo é sempre o melhor caminho para dizer verdades. Éramos tantos entre tios, primos (uma criançada sem fim), vizinhos e convidados. Minha avó sempre dispunha à mesa dois ou três lugares a mais. Já sabia da sua generosidade. Só anos mais tarde descobri que eram lugares para os mais necessitados que eu pensava que eram parentes distantes.

Por menos muros e por mais cadeiras à mesa para os almoços de domingo!

Lembro bem das conversas, risadas, trocas de receitas e histórias. Muitas histórias. Tinha vinho e taças grandes também. Acho que não tinha TV lá na casa da vovó. Muito menos computador e internet. Brincar, brigar e reconciliar: eram nossos verbos mais conjugados. Se chovia, podíamos tomar banho de chuva. Se era domingo de sol, estava liberado o banho de borracha até enrugam os dedos. Tínhamos chinelos, mas as crianças só andavam com os pés no chão, na terra, na lama.

A goiabeira era nosso lugar preferido, bem lá no alto. Comíamos todas as frutas do quintal e todas as verduras da horta. Não tinha refrigerante. Penso que em 1985 as crianças ficavam menos doente do que hoje em dia... Éramos bem diferentes, mas os valores de respeito, admiração e amor perduram até hoje.

O almoço sempre era especial, mas a hora do café era o momento mais esperado e querido por todos: a hora do café com bolo de fubá. O melhor bolo de fubá do mundo! Bolo de fubá com goiabada!

Por que as pessoas não falam sobre a falta que as mulheres fazem na nossa vida? Sobretudo mães e avós. Elas que me ensinaram tudo dessa vida, menos a viver a vida sem elas. Sobrevivemos. Inauguramos um novo ciclo, como me disse uma amiga querida! Dá um nó na garganta de tantas saudades.

A vida é feita de pequenas memórias. Memórias de nomes, sobrenomes, rostos, lugares e sabores. Sempre frequento cafés. Gosto desses lugares onde as pessoas apreciam e são apreciadas. Apreciam bebidas, comidas, livros. Sobretudo apreciam pessoas.

As memórias têm uma força incrível. Ainda não encontrei bolo de fubá igual ao da minha avó materna, nos meus sonhos e nas lembranças de infância ele sempre está...

CREDO! “QUEM É VOCÊ CRIATURA”?

Angela Quintieri



Morar só não é muito bom, mas tem algumas vantagens: as pessoas podem pensar além da conta. E por pensarem muito acabam exercitando o seu poder de imaginação, muito além da conta. Como não têm ninguém fisicamente por perto, elas inventam um personagem que pode ser bem bonito, atraente e sedutor. Às vezes é um poeta, outras vezes é um músico, um cantor, um mágico, um astronauta, ou até mesmo um ser de outro planeta, porque não? Pensar fora da caixa, faz parte.

Eles surgem com muita facilidade na mente e na alma de quem mora só, de acordo com o seu sentimento e com a sua visão de mundo.

Como sou uma dessas pessoas, resolvi, apenas nesta semana, não inventar e nem pensar em nenhum personagem. Nem mesmo na criatura interplanetária que me levaria um dia para as galáxias em sua espaçonave com asas de vento.

É divertido e adorável pensar nela, mas hoje está definitivamente descartada.

Desejei fazer uma coisa diferente. Quis fazer algo muito simples que não envolvesse arte, ciência, música, literatura, matemática ou astronomia.

Nada que eu precisasse pensar ou idealizar muito. Só desejo que ela seja simples, tenha força e me surpreenda, porque não?

Huuuuuum!

Eu já sei o que fazer.

Vou abrir e limpar a parte de cima de um armário que não mexo há algum tempo, quem sabe eu não encontre algo interessante ali dentro.

Peguei então a escada, subi bem devagar, abri cuidadosamente a primeira porta. E tan, tan tan, tan. Levei um tremendo susto!

Credo! “Quem é você criatura?” eu pensei.

Imaginem o que apareceu bem na minha frente?

Uma criatura de pelúcia em forma de um coração bem vermelhinho, mas com olhos, boquinha, bracinhos, perninhas e sapatinhos, pronto para abraçar alguém.

Surpreendente! Eu mereço isso!

Eu nem me lembrava mais dele. Não me lembro do lugar que comprei e menos ainda o motivo pelo qual eu o comprei.

Mas ali estava ele, um coração sorridente e muito quietinho. Muito na dele. Completamente mudo, mas com seus bracinhos bem abertos.

Fiquei feliz, mas sem saber o que fazer ou dizer.

Fiquei então parada na escada olhando para ele e pensando:

_ É impressionante como essas coisas inusitadas só acontecem comigo.

Vamos combinar que não é muito comum abrir a porta de um armário e dar de cara com um coração que nem fala, mas fica olhando para você.

Pois é. E como o susto foi inevitável, só me restou, pensar então, em dizer alguma coisa para essa criatura sorridente.

_ Você é muito lindo, sabia?

Nem me lembrava que você estava aí, esse tempo todo!

Deixei você muito só, não é? Peço mil desculpas, coração encantado.

Meu Deeeeus!

Eu estou mesmo conversando com uma criatura de pelúcia?

Estou perdendo o juízo.

O poder da imaginação é fantástico, mas tem limites, não é? Eu hein!

Agora só me falta essa criatura responder.

Se isso acontecer, vou ter a certeza que enlouqueci direto. A culpa é toda da PANDEMIA.

**Estou achando bem melhor eu descer. Essa arrumação não deu certo.
Mas quando coloquei o pé no primeiro degrau logo abaixo, aconteceu
justamente o que eu mais temia.**

A criatura resolveu falar comigo com sua voz muito suave:

_ Sem desculpas, minha querida. Eu nunca fiquei só.

Nunca.



VOCÊ DEIXAVA?

**Eu me divertia muito com algumas conversas suas no áudio do WhatsApp.
Quase todas eram divertidas.**

**Uma delas sempre me chamava atenção. Era com uma professora chamada
Andressa, que já não sabia mais quais figurinhas ela poderia enviar para
agradar a você.**

Você tinha sempre uma piada pronta para cada uma delas.

Coitada, ela é uma santa!

**Mas as conversas eram sempre muito engraçadas. Eu me divertia, a jovem
também e você mais ainda.**

**Eu ouvia também, os seus passos pela casa, pois você gosta de caminhar
lendo alguns livros em voz alta, elogiando ou discutindo com o autor.**

**Eu e você nos divertíamos muito, mas às vezes, você se aquietava. Ficava
triste demais. Ficava sem falar, ou brincar durante algum dias. Era uma
situação estranha pra mim, pois eu nada podia fazer.**

**Mas hoje, o seu inconsciente resolveu dar um show. Com a finalidade de
mexer ou limpar o armário, você intuiu que iria encontrar o que procurava e
desejava.**

**Você queria encontrar força numa coisa simples e o universo conspirou e
satisfez o seu desejo.**

**De repente, eu sou essa coisa muito simples que você jamais poderia
imaginar.**

Quem sabe, esse meu abraço, se você se permitir, vai afastar um pouco esses seus medos?

Um abraço faz milagres, sabia?

Mesmo um abraço de um coração de pelúcia.

As crianças adoram abraçar porque o coração delas está sempre aberto a receber também.

Pois bem!

Depois daquela resposta tão simples, não houve jeito.

Eu resolvi, então, abraçá-lo com todo o meu amor. Eu me dei esse direito de sentir. Nada se compara ao abraço físico, mas simbolicamente e, por um breve momento, o abraço desse coração encantado me fez muito feliz.

Foi um instante mágico.

Não pensei em nada mesmo

Me deixei envolver totalmente e me permiti sentir tudo o que podia.

E só agradei.

Não pensei e nem falei nada durante muito tempo, deixei que a natureza seguisse o seu curso e o efeito curativo cumprisse o seu papel.

Acho que adormeci, pois acordei muito tempo depois me lembrando do sonho que tive com uma das minhas aulas de Biologia. Nós falávamos da busca incessante do ser humano. Falávamos de como ele não abre mão de encontrar força somente em coisas difíceis e complicadas e por isso se frustram e se tornam infelizes.

Esse objeto guardado há anos me fez lembrar disso.

Ele me ensinou a amar novamente.

O poeta Victor H. MACHADO, ilustra muito bem o que senti, com o seu lindo poema:

O MEU ABRAÇO

tem fome
de mundo
tem fome
de vida
e pouco importa por quais
esquinas
jardins
castelos
eu caminhar
pois o sol é um só
e existem girassóis em todo canto
basta fechar os olhos
e saber enxergar.

DESPUÉS. DEPOIS

Claraemes



Dia de reis é uma data de mil folhas em minha memória. O animado forró do carioca Tim Maia desloca a festa para fase adolescente e me faz rir, pois nada tem que ver com as outras passagens desta data de tradição cristã, tal como as fui colecionando. Bem pequena, ouvi de minha madrinha que, em certos países, as pessoas trocavam presentes de Natal apenas neste dia, na última ceia do período natalino. Data de desmontar as árvores também. Entusiasmada, me explicou que três reis pagãos, ligados a Zoroastro, seguiram uma estrela guia, certos de que iriam encontrar por ela o menino que, diziam os astros, nascia para ser o Rei dos reis. Não sabiam ao certo onde chegariam, mas sim por quem iam. Levavam presentes especiais, como ouro, que serviu à Maria e José para fugirem à caçada de Herodes a Jesus, óleo de mirra, para banhar e proteger a saúde da criança e incenso, para inspirar a fé.

Presentes úteis, vi que os grupos de músicos folclóricos no Brasil que batiam à porta das casas no interior de muitas cidades também muito precisavam, para comprar as fantasias de Reis, e os instrumentos de alegre cantoria.

Histórias alegres como estas de celebração, imaginação de infâncias e nascimento - como eu gostava!

Uma vez, filhos já adultos, véspera do Ano Novo, chegamos no México. Fomos direto à cidade dos Deuses, onde os astecas cultuavam o Sol e a Lua como pais regentes da vida e a Montanha como intermediária distribuidora do regime de águas. Lá, vimos o último por do sol do ano. Cedo, no dia primeiro, fomos à Basílica da Virgem de Guadalupe, santa padroeira do país, fortemente católico e indígena, Na missa, dentro da igreja, concorrendo com a voz do padre rezando a missa, podia-se ouvir os tambores de um ritual xamânico de saudação à Lua. A defumação de ervas oferecida aos passantes nada tinha de comercial, era oferecida à Deusa mãe, e aquele era justo o local aonde os filhos tradicionais realizavam desde sempre sua cerimônia. Pensei que em nosso país talvez nos cobrassem, como turistas, dinheiro por um banho de descarrego semelhante. Cada qual com suas necessidades.

Depois de mais uns dias La Ciudad, em seis de Janeiro, chegamos à Puebla, soavam os sinos de dezenas de igrejas azulejadas de cima em baixo, rebrilhantes, muito coladas entre si nas ruelas do pequeno centro histórico. Digerindo ainda este deslumbramento, à tarde fomos a alguns dos Setes Povos Mágicos, nas cercanias da cidade. Vimos missas com galinhas e bode presentes nos templos passeando e vulcões ativos ao longe, mas à vista, compondo a paisagem. Pedras vulcânicas nos eram oferecidas, brilhantes e negras como nem o petróleo pode ser - a obsidiana, muito usada pelos astecas para produção de facas.

Nosso retorno, `a noitinha, foi para a mesma praça da Igreja da Matriz, de onde saímos, agora com calçadas à volta cheias de gente à espera da projeção de imagens coloridas em sua fachada, para encerrar os festejos natalinos.

Sentamos para uma pizza ou sanduíche, mal humorados e calados de fome. Muitos ambulantes chegavam com suas miúdas ofertas. Chegou também um par de crianças, um menino pequeno e uma menina menor. O menino olhava, sem piscar, seus olhos sob sombreiros, diretamente para mim. Sua irmã olhava um segundo e baixava os olhos, tímida. Olhos escuros, era péssima a luz. Nada tinham para vender. Ninguém se animava a uma palavra. Irritada, despachei as crianças como um después.

Mostrei meu prato vazio. A pizza demorava. As crianças se foram, comentávamos o dia. Passavam de mesa em mesa, nada pediam, só chegavam e se iam. Depois de um tempo, ficaram do mesmo jeito - à beira da mesa, comensais de nada. Suas pestanas longas, como sombreiros - fiz cara de indagação, gesto de nada na mão. E o olhar desceu para o prato. Después. después. Aumentei minha irritação. Inquietude pelo desfecho, talvez. Eles se foram. Sem pai nem lua.

A pizza afinal chegou - fria. Passou voando um garoto vestido de branco, capa azul e coroa de reizinho com sua bicicleta estalando de nova. O garçom quase deixou a bandeja cair pelo susto com a bicicleta. Já longe os pequenos irmãos se voltaram, por um átimo, como se todos acusassem o vento rápido que passou.

Largamos metade da pizza, pois a colorida apresentação já ia começar. Os meus olhos só buscavam no escuro, à sombra daqueles dourados e azuis projetados na parede da igreja, aquelas crianças pelo chão - Coalhadas delas. Ali! Cheguei a tocar as costas de um, a roupa e braços marrons, o cabelo liso, o mesmo silêncio da montanha quando nos olhavam. Mas não eram.

Depois.

Depois plantei um pé de mirra, para água de cheiro. Ganhei, perdi e dei moedas sem conta. Mas conservo a estatueta de um deus que não sei qual é, de obsidiana. Na constelação da infância é mais um mistério. Eu hoje acendo essas velas comuns porque tenho alergia aos incensos.

CHUVA

Celina Rozenblum Lefelman



Foto: Victor Lefelman

Com 20 anos ela foi replantada. Outro país, a terra mais seca gente diferente outra língua, outros gestos outra maneira de beijar de tocar. Não tinha seus amigos sua história, sua boca não conseguia falar. Ficou em silêncio por dois anos. Só fazia arte, nos papéis na vida. Brincava com seu corpo, dançava pelo espaço pelas pessoas.

Se encontrou em outros gostos, se redescobriu como companheira. Se refez sendo mãe. Reencontrou a doçura, a ternura do contato primeiro. A vida passou correndo sem nenhum farol.

Depois de 40 anos resgatou sua língua.
Hoje escutando a chuva se deu conta que ela soa igual em qualquer lugar do mundo.

PEQUENOS MILAGRES DO DIA A DIA

Delma Marcelo



Na Modernidade habita o marco histórico da centralidade do ser humano como controlador absoluto de si e do mundo. Ela nos ensinou a falácia de acharmos que controlamos tudo e de que não dependemos de nada e nem de ninguém para estarmos aqui.

Mas a natureza é grande mestra! Ela nos ensina que todos necessitam de todos e que só pode funcionar em harmonia quando tudo está voltado para o bem comum. Basta olhar para ver!

Abrir os olhos junto com o sol a cada manhã, sentir o cheiro da chuva que acaricia a terra, observar o desnudar e o abastecer de brotos das árvores, assim como acompanhar o desabrochar e o esvanecer de uma flor é mágico!

Todas as vezes que nossa vida é posta à prova, que nos lembramos de nossa finitude, somos convidados a reconhecer os pequenos milagres da vida, tais como respirar, a alegria ao ver ou ouvir a risada escancarada de uma criança, mas também nas situações difíceis como no enternecer-se com o choro de uma mãe ou sentir a dor da barriga vazia alheia que sente fome.

Essas aprendizagens miúdas de cada dia nos possibilitam enxergar que precisamos nos tornar humanos melhores.

A pandemia da COVID-19 nos foi um grande espelho, um portal que nos levou para outro mundo. Um mundo onde a morte era soberana. Mas como num belo conto de fadas o bem venceu o mal. Nesse retorno ao comando de nossas vidas pudemos reafirmar nossa humanidade aprendendo com os erros e os acertos uns dos outros.

A natureza nos fez sementes neste mundo e a ela voltaremos para colaborar com novas floradas. Que nesse percurso entre nossa chegada e partida saibamos estar por aqui vivendo melhor, sendo felizes e fazendo os outros felizes também.

EU, MULHER

Eliana Miranzi - 2005



Imagem: Divulgação

Nasci assim: mulher, sexo feminino, com a arquitetura da reprodução já pronta, vinda de fábrica.

Não escolhi. Mas não me queixo. Pelo contrário, agradeço aos céus por ter vindo nessa condição: fêmea. A alma grande, o coração aberto, a cabeça cheia de idéias.

Um corpo que sofre várias transformações ao longo da vida: meninice, puberdade, ciclos menstruais, adolescência, tensão pré-menstrual, vida adulta. Gravidezes, partos, aleitamento. Mais um pouco e já chega a menopausa.

Transformações muitas vezes incompreensíveis a nós próprias, mulheres, o que se dirá em relação aos homens! Eles, que se transformam bem menos. Eles, nossos parceiros, nosso avesso, positivo e negativo.

À mulher cabe conhecer-se, assim como à natureza, o mundo, as pessoas, para poder entendê-las, aceitá-las e absorver os fatos da vida, que ocorrem a todos nós; impossível fugir deles.

À mulher cabe ser como um treinador de um time, uma professora sem aposentadoria, um gerente 24 horas. Dela espera-se que saiba sanar dúvidas, curar dores, julgar situações. Dela espera-se que esteja sempre disposta, cheia de energia, entusiasmada, e pronta para qualquer coisa. Não importa que tipos de problemas que surjam, que cansaço se instale, quanto desânimo e frustração sinta. Que não adoça, não desanime, não chore e nem reclame. Que tenha sempre um abraço pronto, um colo aconchegante, um sorriso, um beijo. E ela tudo isso consegue, usando seus instintos e treinando sua intuição. Alma rica, coração grande, disponibilidade sempre...

Família começa com F de Fêmea, Feminino, Fada. Só existem famílias porque há mulheres que pariram, criaram, alimentaram seus componentes.

Mesmo não estando presente, a mulher é pedra fundamental, esteio, sustentação em qualquer família, em qualquer sociedade, enfim, no todo.

A mulher tem comprometimento com a vida, pois a ela foi dado o dom de gerar vida.

A Vida é feminina. E na mulher há sempre Vida. Viva. Valente. Verdadeira.

TEMPEROS DE UMA VIDA

Elisa Pereira



Imagem: Divulgação

Era uma casa alegre, acolhedora e muito movimentada. Era habitada por uma família quase comum, se não fosse por aquele pai, tão especial. Ele era amoroso, amigo, trabalhador, animado, espiritualizado e cozinhava como ninguém.

Sábado era dia de mercado e a casa ficava em festa. Ele não precisava de lista, precisava apenas de sacolas e cestas e da companhia de sua mulher. Era um casal, também, especial. Sempre juntos a namorar e a compartilhar todos os momentos da vida.

Não era uma compra banal, não se tratava apenas de alimentar o corpo e abastecer as geladeiras. Não! Era um ritual de amor, de criatividade, de descobertas sensoriais e de doação.

Duas ajudantes, que já faziam parte da família, separavam, lavavam, guardavam e se divertiam com as novidades. Frutas lindas, algumas exóticas, outras bem comuns. O mesmo vale para os legumes, verduras, cogumelos. Sim, os cogumelos eram um show à parte.

“Não são venenosos?”

“Não tenho coragem de comer.”

Mas, o mais maravilhoso era o prazer e a paciência daquele senhor, o pai, em tirar cada dúvida e fazer com que pudessem compreender e deleitar-se com os novos sabores.

Temperos, ervas, molhos, azeite, manteiga e pimenta. Pimenta!! Que aroma, que sabor, que magia envolviam aquela preparação. E, como não podia deixar de ser: “prova aqui”.

Que delícia acompanhar a evolução do quitute a cada degustação. Tudo aquilo demandava tempo. E que tempo! Nunca o almoço de fim de semana era servido antes das quatro horas da tarde. Se aquilo era bom ou ruim, nunca ninguém reclamou. Ao contrário, sempre chegava algum ou alguns amigos dos filhos ou mesmo do casal. Assim, era uma festa e as panelas fartas abraçavam os “chegantes”.

Era uma casa alegre, acolhedora e muito movimentada. A cozinha e a mesa de almoço eram o centro daquela casa, particularmente nos finais de semana. O vinho era item relevante, não dá para esquecer. Quanto à sobremesa, as frutas eram a vedete, porque “doce, bastava a vida”, segundo aquele pai amante do bom, do belo e do justo. Imagem: Divulgação

Saudade daquele tempo, daqueles pequenos grandes detalhes que faziam toda a diferença em cada refeição, em cada encontro daquela linda convivência.

SEMENTES

Evelyn Kligerman



Foto: Evelyn Kligerman

A lembrança é tão nítida, cheia de cheiros e cores, que é como se esse tempo estivesse no agora.

Tinha uma mesa redonda com pais e tios e primos.

Enquanto conversavam o som misturado das palavras me aqueciam como um cobertor pesado de inverno.

Era uma rua sem saída cheia de miosótis.

Eu amava caminhar sozinha, contando paralelepípedos.

O destino eram os estalinhos. Algo que não era flor exatamente, mas talvez fosse.

Minhas pequenas mãos colhiam aquelas quase pérolas, elas explodiam e meu corpo inteiro se enchia de felicidade.

Amava testar o tempo delas se abrirem e ver sair as sementinhas de dentro.

Às vezes ia acarinhando devagarinho. Daí meu coração tinha pressa, e apertava com delicadeza até ela se abrir jorrando seus frutos.

Estalinho era o nome das minhas pequenas alegrias.

Que junto com as vozes aquecidas em mim, fizeram meu frágil alicerce.

O SORRISO DO MENINO DA MURETA

Fernando Queiroz



Imagem: Caó Cruz Alves

Leticia fazia diariamente o mesmo percurso até o ponto de ônibus para deslocar-se em direção ao trabalho, e no caminho, lá estava ele sentado na mureta, em frente a casa amarela, com o olhar em direção ao que ela não conseguia entender, e um movimento para frente e para trás, como se estivesse em uma cadeira de balanço. No semblante, sua expressão que parecia mergulhado em um mundo exclusivo: totalmente seu! Em algumas oportunidades Leticia tentou conversar, mas o menino da mureta não estabelecia contato visual, não interagia com ela.

Seguindo um padrão constante, o menino repetia a sua rotina, e nada de qualquer manifestação para com as outras pessoas. Curiosa e tentando conseguir atrair a atenção do menino da mureta, Letícia tentava a comunicação não verbal, fazia brincadeiras, dizia olá, bom dia e o seu empenho era inútil, ela não recebia qualquer retorno aos seus estímulos. Aliás, a única alteração de comportamento que ela conseguiu perceber no menino foi em certa ocasião, quando pelo barulho, na passagem de um avião, ele demonstrou um tremendo desconforto, uma grande tensão o invadiu.

Certa feita, ao passar em frente a uma loja de brinquedos, Letícia observou na vitrine um bilboquê e teve a ideia de comprá-lo para, quem sabe, se fazer notar diante do menino da mureta. No dia seguinte, ao passar por ele, ela começou a tentar encaixar a bola de madeira no bastão. Ficou ali, em frente a ele por um considerado tempo, não recebendo nenhuma resposta, foi o circundando para ficar bem a mostra e nada. Então, resolveu deixar o brinquedo em um local bem visível e foi embora. Mais adiante, de soslaio, percebeu que ele foi ao encontro do brinquedo e o pegou.

Não raro, ao passar pelo local, Letícia via o menino com gestos repetitivos tentando conseguir o que era o desafio da brincadeira, embora tenha percebido que ele estivesse muito mais interessado em uma parte do brinquedo: mexia e remexia no barbante que ligava o bastão à bola. De longe, por detrás de uma árvore, ela ficou observando a insistência do menino até que ele conseguiu acertar, e, enfim, percebeu um lindo sorriso desenhado no rosto dele, que chegou até a levantar as pálpebras. A alegria também invadiu o íntimo de Letícia, satisfeita com a força das pequenas coisas: com a sua simples iniciativa, conseguiu conhecer o sorriso do menino da mureta.

UM DIA

Flora Troper



Imagem: Divulgação

**Um dia, fugi de mim, em busca de mim mesma.
Corri caminhos, percorri tristezas, sorri desilusões.
Marquei encontros com desacertos, em esquinas sem quinas.
E eu não me via.**

**Queria me saber em alegres amores e vivi tristes dissabores, mil
desalentos.**

**Cansada, mas nunca derrotada, tentei voltar; mas a vida só tem uma
direção, mas não um só caminho.**

Andei e cheguei a mim.

Não mais sofri desilusões, chorei ilusões: me encontrei em mim mesma.

NOVENTA MINUTOS

Janir Lage da Silva



Imagem: Divulgação

Ele odiava ir à festas na escola do filho. Só ia mesmo porque o menino chorava dizendo que os colegas iriam pensar que ele não tinha pai.

Meu Deus! Era dia de FLAxFLU.

Chegou a triste conclusão de que se ele fosse para o almoço (sim, seria um almoço) não conseguiria sair tão cedo. Não veria o jogo.

Só de pensar nisso tinha um suadouro como se estivesse com uma febre muito alta.

Mas foi. E não conseguia entender aquela alegria ridícula do filho saltitando ao seu lado enquanto se encaminhavam para a escola.

Sabia que teria que assistir dancinhas, dramatizações, receber cartãozinho, ouvir um blá,blá,blá da professora antes de finalmente sentar para almoçar.

Pensou numa estratégia. Engoliria a comida esquecendo a baboseira de quantas mastigadas têm que ser dadas e arrastaria o filho para casa na esperança de conseguir ver pelo menos o segundo tempo.

Quando foi se servir viu que tinha farofa que ele adorava. Há muito tempo não comia. A mulher dizia que entupia e riscou a iguaria do cardápio. Encheu seu prato só com ela.

Esqueceu a estratégia que tinha pensado. Não podia engolir rapidamente. A farofa na sua boca tomou vida. Lembrou de coisas que tinha esquecido. Gostava tanto, porque era o que religiosamente sua mãe fazia aos domingos. E dividia igualmente com todos os irmãos que eram muitos. Não podiam repetir e ficava aquele gostinho de quero mais.

Dessa vez não tinha a mãe nem os irmãos.

Repetiu, repetiu e repetiu. Se o filho não o tivesse chamado para ir embora teve a impressão de que ficaria lá para raspar a travessa.

Ao sair, se despediu agradecendo a professora.

- Nunca comi farofa mais gostosa do que esta.

Ela achou engraçado, porque não tinha nada de diferente na farofa. Ela que tinha feito.

Na volta, quem voltou saltitando foi ele.

O TEMPO TÃO LONGE

Jidduks



Imagem: Divulgação

Imagem: Divulgação

Hoje me peguei pensando sobre a minha percepção do tempo. As experiências vividas e de como elas parecem embaralhar minha mente. Parece que tudo foi ontem, agora, sempre.

Mas algumas lembranças realmente ficaram para trás.

Pensando nisso, lembrei da última vez que estive em Curitiba e fui visitar o local onde morei, nas proximidades de um rio famoso, chamado Belém.

Andei várias vezes em direção à ponte e de lá eu tentava enxergar o lugar de minha infância.

A área agora virou uma mata e as novas gerações nem imaginam que ali existiu uma gigantesca favela.

Contei os passos, fiquei calculando e vi que ainda havia na vegetação local, os famosos pés de mamona.

Quando me aproximei, não encontrei sequer vestígio de moradia ali. Aquela favela foi desapropriada em 1976 e foi um lugar onde vivi intensamente minha vida, até porque não nasci na favela, foram as circunstâncias da vida que levaram eu e minha família para aquele lugar.

Naquelas proximidades vi uma abelha mamangava, sentada num pé de mamona, ela passou perto de mim e eu ouvi seu zumbido. Foi como se estivesse numa cena daquele filme incrível e melancólico, "Cinema Paradiso", lembra?

As lembranças são estranhas porque estão lá atrás, no tempo, e a gente sente que todas as experiências ficaram cravadas na pele, na memória, no coração.

Hoje sonhei com o dia em que fui visitar minha comunidade, perdida no tempo.

Será que uma máquina dimensional está construída ali, como se fosse a "Invenção de Morel", do Bioy Casares?

Quando a mamangava passou perto do meu ouvido, imaginei a alma do meu pai.

Meu pai pertenceu tanto àquele lugar; e agora tudo virou farelo no tempo e no espaço.

Lembrança no tempo -
Uma abelha mamangava
sopra meu passado.

SOBRE BOTAS PRATAS E PANTUFAS

Márcia Torres

Dedicado as queridas amigas Lu, Pri e Paulinha.



Imagem: Divulgação

Amo psicologia e nesses dias fiquei pensando nos arquétipos que vão construindo nossas relações, moldam e servem de matriz para expressões e desenvolvimento da psiquê. Muito Jung tudo isso, mas não é disso propriamente que quero falar.

Na verdade éramos quatro, cada uma vinda de uma parte desse mundo de meu Deus! Lu, Pri, Paulinha e eu. Todas com um ideal de Educação bem firme e construído na vida, todas trabalhando muito, mas sem perder a doçura!!!kkkkk

Não tínhamos uma turma certa, nos conhecemos assim, heroínas da resistência, sem nunca termos andado peladas ou usado drogas na UERJ como fomos acusadas!!! Mas deixa estar!

Lu tinha sido aeromoça, era a mais chique, combinava a sombra com a roupa, sempre perfumada, mesmo fazendo o trajeto Central- Japeri todos os dias, nunca deixou de ficar linda! Cadernos impecáveis, floridos, essa moça vai longe!

Pri era a mais centrada! O equilíbrio do grupo. Sempre arrumada, discreta, cabelo lindo, preto, estilo "As Panteras" (coisa de anos 70,80...), trabalhava numa seguradora, cercada de dinheiro e perigo, mas era plena! Educada, falava baixo, sempre coerente e sensata.

Eu era a mais riponga! Melhorei um pouco! Tá , tudo bem, muito pouco! Nada combinando com nada e no fim tudo dava certo. Caderno? Escrevia atrás das inúmeras xerox e cantinhos de livros, mas era ótima aluna, aliás nós quatro.

E tinha Paulinha! Garota de zona sul, que veio morar no subúrbio por conta dos revezes da vida. Trabalhava muito numa creche. Seu estilo era muito parecido com o meu. Ela até tinha um caderno! Mas... Cordões, brincos, cabelão, bolsa de couro velhinha(eu cometi essa gafe), mas que era nova e tinha custado muitas horas aulas. Paulinha era diferente. Se precisasse de um sutiã, descia na Mangueira , comprava na comunidade e ainda experimentava na casa da vendedora!(Fato verídico fui testemunha ocular!)

Mas, voltando aos arquétipos, um dia, quase noite, Paulinha chegou na UERJ diferente, aí entendi o motivo da amizade profunda. Desbancando um chiquérrimo professor argentino que desfilava com um sobretudo de couro pelos corredores, Paulinha chegou com altíssimas botas prateadas para aula.

É! Botas Pratas de chacetes! Por quê ? Não sei! Ninguém sabe. Ela me disse que queria estar bonita!

Até os militantes de esquerda radical que faziam discursos inflamados no hall dos elevadores, pararam para ver a luz!(Isso foi licença poética)

Quando vi aquelas botas pensei: isso foi tudo o que quis na vida! Mas o motivo? Não vou dizer! Imaginem, e depois digam.

Hoje estamos distantes, porém juntas nas memórias e em pequenos e raros encontros. Todas somos Educadoras e das boas tá?

As botas? Não existem mais, Paulinha se desfez quando foi para o Acre , buscar Artur que esperava para ser gerado! Deus faz assim!

Hoje as botas pratas foram trocadas por confortáveis e quentinhas pantufas de coelho. Mas essas lindas botas que se foram ,viraram um símbolo de que desde daquela época acreditávamos na beleza, ousadia e Liberdade da Educação que defendemos como boas "freireanas" e que ninguém mais tira dos nossos pés!

DONA LAURA

Marianí Guimarães



Charles E. Barlett

Ela saiu da sua Alemanha, junto com as filhas e o marido. Chegou nas terras do meu pai, no Rio Grande do Sul, para trabalhar nas plantações de arroz e no cultivo das uvas. Lembro da sua casinha no pé da montanha, tudo extremamente limpo e no seu devido lugar. A madeira do chão escovada com sabão feito em casa, muito branca em contraste com os móveis coloridos.

Desde muito pequena, eu saía de casa sem ser vista pelos meus pais e caminhava devagar até chegar no jardim encantado da D. Laura. Era cheio de flores de todas as espécies e perfumes. Na lateral do caminho de pedras, uma alameda de moranguinhos, minha grande tentação.

Logo depois do jardim, um pomar com muitos pés de caquis, bergamotas, ameixas e na lateral um grande parreiral. Nesse local, andava em silêncio e com cautela para não levar uma corrida dos gansos e patos que circulavam por ali.

Enfim chegava na pequena varanda dos fundos da casa e entrava na cozinha, cheia de cheiros e sabores.

As vezes era convidada para ajudar nos quitutes. Subia num pequeno banquinho encostado numa mesa branca e ficava ali olhando aquelas mãos mágicas fazerem toda a alquimia.

Com esse aprendizado, escrevi meu primeiro caderno de receitas, assim que fui alfabetizada.

Em algumas tardes quentes de verão eu acompanhava o casal na lavoura. Subia feliz na carroça puxada por bois e ficava sentadinha em silêncio ouvindo as conversas sem entender nada da língua alemã, apenas sentindo a sonoridade como uma música que fazia parte da natureza. Enquanto trabalhavam eu brincava embaixo de uma grande árvore, com minhas bonecas. No meio da tarde D. Laura abria uma toalha engomada e colocava sobre ela o melhor lanche do mundo.

Tenho lembranças das noites que dormi naquela casinha, nos lençóis brancos e na maciez do colchão de penas, me sentia flutuar e sonhava acordada que estava nas nuvens. Hoje fecho os olhos e agradeço todas as pequenas coisas que aprendi com D. Laura, elas estão esculpidas no meu corpo e na minha alma.

DEFRUTES

Marília Amaral



Imagem: Divulgação

Acabei de desfrutar uma manga super doce. Das mais saborosas coisas da vida! Tão simples, tão preciosa, a sensação de delírio gustativo. Capaz até de aniquilar a sensação de desgosto pela vida.

Saí para dar uma volta na rua, e fui atraída por um aroma indescritível que, de forma fugaz, me atravessou e me fez sentir aliciada por um cativante personagem, quem sabe o flautista de Hamelin, que hipnotizou crianças [e por que não acrescentar os ratos] com sua maviosa melodia, conduzindo-os para fora da cidade.

Não posso dizer que agi diferente quando, em Tiradentes [MG], me deixei levar por um violinista e me quedei, por cerca de uma hora, ao seu lado, extasiada, esquecendo do tour que me havia proposto.

E tantas visões me presenciam com belezas dessa nossa terra ou da obra humana. Inesquecível o deslumbre do reflexo da Basílica da Sagrada Família, em Barcelona, `a noite, sobre o lago que parece ter sido ali colocado com essa função, e a majestade de sua estrutura surreal com vitrais em tons de arco-íris, obra de Antoni Gaudí.

E facilmente tangíveis e curadores são abraços recebidos e trocados, eternizados em meu coração.

Nunca deixei de lembrar o que posso usufruir nessa vida, da convivência de amigos, do apoio nas horas de sufoco.

E nunca deixarei de lembrar da força das pequenas coisas, que virá de um olhar, um aroma, um toque, uma bela música, um sabor...de vida.

GALINHA VELHA

Maristela Fontes Figueiredo



Imagem: Divulgação

O fim de semana prolongado chegara e com ele os filhos, noras, genros e os netos. A casa estava agora cheia de alegria, de abraços, de cores e sabores. A avó foi até o galinheiro, escolheu a mais gorda das galinhas e iniciou toda a preparação para o abate da ave.

Seu neto Felipe, com toda a curiosidade de uma criança de apenas 6 anos de idade, acompanhava os movimentos da avó até que a questionou:

- Vó, porque você vai matar a galinha?

Para preparar nosso almoço -respondeu a avó.

Não satisfeito ele insistiu:

Mas porque você vai matar essa galinha, vó?!

- Essa galinha está velha, meu filho. Não bota mais ovo.

Felipe ficou muito pensativo e perguntou:

Vó, você vai ter mais filho?

- Não, vovó está velha, não vai ter mais filho.

Foi então que ele disparou:

- Vô você está velha, não vai ter mais filhos, você gostaria que te matassem?!

A avó paralisada com observação do neto, sem saber o que responder, riu apenas e logo a galinha velha estava ciscando no galinheiro.

O SAMOVAR

Roseana Murray



Imagem: Divulgação

Não é verdade que objetos não tenham vida.

Sopramos em coisas inanimadas muito dos nossos sentimentos e assim, nos ajudam a viver.

Conheci a Senhora Natasha dez minutos depois que o caminhão de mudanças parou no pequeno prédio onde eu morava, sozinha naquela época.

Eu possuía um brechó, numa cidade pequena, em Minas Gerais, onde morava. Era uma mistura que me agradava e sobretudo sair com meu carrinho tão valente por estradas vicinais em busca de tesouros:

ferros de passar a carvão, relógios, bancos, santos, pilões. O brechó também vendia roupas usadas e livros usados. Um bricabraque bem charmoso onde me sentia rainha.

O apartamento era a herança que recebi da minha tia preferida e madrinha. Quando ela morreu me deixou em testamento o imóvel e o brechó e eu resolvi aceitar este aceno do destino e mudar de vida. Larguei a cidade grande, de amores fracassados e fui pro interior. Reformei a lojinha.

Agora pensava em fazer dentro dela também um café.

Pois justamente me aprontava para abrir a loja quando do segundo andar ouvi o caminhão entrar na rua e da minha janela o vi estacionar e começar a despejar na calçada a mudança.

O motorista ajudou a senhora a descer do caminhão. Ela veio junto com a mudança. Era pequena e magra e leve. Parecia uma gravura de conto de fadas. Levava os cabelos brancos em bandós e uma saia comprida e plissada, com uma blusa de um tecido creme bem diáfano.

Desci os dois andares e antes de começar a andar pelos poucos quarteirões que me separavam do trabalho, parei, bastante curiosa para falar com ela.

Alugara o apartamento térreo que tinha uma espécie de quintalzinho onde seria possível cultivar algumas plantas.

A Senhora se apresentou. Eu me apresentei.

O motorista começou a retirar os móveis do caminhão e passou para a Dona Natasha um embrulho que estava ao seu lado no caminhão.

Naquele momento decidi que não iria abrir a loja, mas sim ajudá-la a arrumar as coisas. Nem conseguia segurar o desejo de saber o que estava no embrulho.

Ao me oferecer para ajudá-la, seus olhos se acenderam. Ela agradeceu com um gesto gracioso ao mover a cabeça e sorrir.

Me pediu para segurar o embrulho e com as chaves que já tinha na mão, entramos e depositei o pacote na pia da cozinha.

O pacote ficou lá. Embrulhado. Mal nos conhecíamos. Não podia pedir que abrisse logo.

Não tínhamos intimidade para isso.

Passamos o dia num arruma-arruma infundável.

Fui até o meu apartamento, fiz alguns sanduíches e café e desci para comermos alguma coisa.

Quando Natasha ficou satisfeita, (agora já posso chamá-la assim), me disse, "vamos abrir o embrulho". Quase fiquei com taquicardia. Não sei o que esperava ver, mas quando o vi, me apaixonei. Era um samovar.

Logo o imaginei em meu brechó e fiquei pensando em quanto poderia lhe oferecer.

Parece que Natasha leu meu pensamento, pois imediatamente me disse que não o vendia por nenhum dinheiro. Ele era o seu barco, o seu baú de memórias e de histórias.

Quando estava triste, quando a saudade e a solidão lhe roíam as entranhas e colocava água em seus olhos, ela preparava o samovar para um chá e ele a apaziguava, trazendo as suas lembranças.

Aos poucos, dia por dia, fui sabendo da sua história.

De repente éramos imprescindíveis uma para outra.

Ela até me ajudava na loja.

Éramos íntimas. Ela era ao mesmo tempo um pedaço da minha tia madrinha, outro pedaço da avó materna que morou na minha casa da infância até morrer, era minha amiga e até a minha filha, pois eu tinha com a velha Natasha desvelos maternos, eu, que ainda não era mãe.

Natasha era filha de judeus russos que vieram para o Brasil.

O samovar veio junto.

Parece que trouxeram dentro a pequena cidade onde moraram. Trouxeram os cheiros de tudo o que ficara para trás. As vozes de todos os parentes que ficaram para trás.

Quando ela se casou, lhe deram o samovar como presente de casamento.

Ela o tratava com esmero, sabia que com o amovar aceso as antigas histórias estavam protegidas, acrescidas das suas próprias histórias. Envelhecera, o tempo passou. Seu marido também já partira e o samovar guardava a sua voz.

Seu único filho era diplomata, viajava pelo mundo, lhe enviava dinheiro, presentes, nada lhe faltava.

Agora que me conheceu voltava a ter alegria.

Arrumamos os livros pouco a pouco.

Às vezes me pedia que lesse em voz alta poemas de Maiakóvsky.

Íamos juntas procurar objetos antigos para o brechó.

Um fim de tarde ela me disse:

- Quando eu morrer o samovar será seu.

Mas e as suas histórias? Não saberei ouvi-las, respondi.

- Você ouvirá as histórias que me contou. As histórias da sua vida. Dos amores que ainda viverá. Estará tudo guardado dentro dele. E quando envelhecer como eu, poderá se lembrar. E quem sabe, em noites de muito silêncio, poderá ouvir as minhas também?

A FORÇA
DAS PEQUENAS COISAS
ANTOLOGIA DE CRÔNICAS E MINICONTOS
CLUBE DE LEITURA DA CASA AMARELA - 2022

ESCRITORES

ANABELLE LOIVOS CONSIDERA

ANA PAULA MACIEL VILELA

ANDRESSA BARROSO

ANGELA QUINTIERI

CLARAEMES

CELINA ROZENBLUM LEFELMAN

DELMA MARCELO

ELIANA MIRANZI

ELISA PEREIRA

EVELYN KLIGERMAN

FERNANDO QUEIROZ

FLORA TROPER

JANIR LAGE DA SILVA

JIDDU SALDANHA

MARÍLIA AMARAL

MARIANÍ GUIMARÃES

MÁRCIA TORRES

MARISTELA FONTES FIGUEIREDO

ROSEANA MURRAY

FICHA TÉCNICA

A FORÇA DAS PEQUENAS COISAS

Antologia de minicontos e crônicas
"Clube de leitura da Casa Amarela"

IMAGENS

Créditos em cada imagem

Coleta em sites especializados

Participações: Maria Cininha e Caó Cruz Alves.

APRESENTAÇÃO

Roseana Murray

PROJETO GRÁFICO

Jiddu Saldanha

ISBN - 978-65-996303-8-5

[CLIQUE AQUI](#)